

POR QUE O ESPIRITISMO NÃO É UMA RELIGIÃO

Análise Interdisciplinar

Lucas Sampaio de Almeida Santos

Bacharel em Direito graduado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pós-graduado em Direito Empresarial pela Fundação Faculdade de Direito da Bahia e em Direito Tributário pelo Instituto Brasileiro de Direito Tributário (IBET). Advogado. Espírita. Membro do Teatro Espírita Leopoldo Machado (TELMA), em Salvador-BA

01. Introdução

O presente trabalho é fruto de estudos iniciados no Curso Avançado de Espiritismo, realizado no Teatro Espírita Leopoldo Machado (TELMA), em Salvador-BA, sob a orientação do saudoso e notável professor Carlos Bernardo Loureiro, a quem manifestamos nossa mais profunda gratidão. Em seu labor incansável como espírita, defrontava-se com o descompasso entre a cultura brasileira e o Espiritismo, este último como projetado pelos Espíritos da Codificação e recepcionado por Allan Kardec e outros grandes pesquisadores. Passados quase 160 anos do lançamento de O Livro dos Espíritos, o Espiritismo ainda é desconhecido, inclusive no Brasil, país no mundo que conta o maior número de espíritas.

Ocorre que, embora acessível em seus princípios existenciais, a natureza dessa doutrina tão complexa demanda estudos detidos, além de conhecimentos mínimos em diversos campos do saber. Assim como não se aprende Medicina ou Engenharia em duas ou três perguntas, ou, ainda, através de rápidas experiências, o Espiritismo exige que se estude, durante anos, não somente seus fenômenos, mas principalmente seus princípios e suas bases

teóricas e epistemológicas, além dos argumentos contrários, vindos de adversários declarados ou não.

Por apresentar muitos desdobramentos relevantes, propusemo-nos a analisar se o Espiritismo seria uma religião, o que fazemos de forma interdisciplinar através dos métodos histórico, epistemológico, semântico e pragmático, além da Teoria das Classes, esperando alcançar resultados lógicos e racionais, da forma que demanda o pensamento de nosso tempo.

02. História

A Revolução Francesa, pondo em prática alguns valores do Iluminismo e proclamando a liberdade como valor máximo, demonstrou, dentre outros fatos, que o Homem não precisava da autorização da Igreja para pensar. Os revolucionários não somente confiscaram terras e alteraram o calendário gregoriano. Igrejas foram apedrejadas, clérigos foram guilhotinados e entronizaram a “deusa-razão” em Notre Dame. Tentou-se substituir o culto religioso pelo culto revolucionário. Separou-se o Estado da Igreja, que perdeu influência política, moral e intelectual, descristianizando parte considerável da população.

Na verdade, com o Humanismo e a Ciência Moderna em ascensão, o pensamento místico da religião já perdia terreno no mundo culto desde os séculos anteriores, sendo a Revolução um estopim e um marco.

Entra o século XIX e a intelectualidade, ainda perplexa, colhia cada vez mais os frutos desse processo.

Nesse contexto de liberdade científica, alguns revolucionários acolhiam o Magnetismo Animal do médico austríaco Franz Anton Mesmer como meio de romper com o monopólio da cura pela Medicina ortodoxa. Embora boicotado pelas academias francesas em episódios controversos, sua descoberta conquistou popularidade e muitos adeptos devido às diversas curas obtidas.

Seus seguidores, inspirados pelo espírito científico do séc. XIX, fundaram centros de tratamento e sociedades para pesquisas e divulgação, a partir das quais se destacaram, inicialmente, as contribuições do Marquês de Puységur no estudo do sonambulismo magnético. Através do sonambulismo,

percebia-se faculdades (ex. dupla vista, hipnose etc.) que surpreendiam e ultrapassavam em muito os limites da Física, da Psiquiatria e do Materialismo que os sustentava à época.

O Magnetismo Animal, com suas curas, observações e deduções, preparava o terreno para a chegada de fenômenos mais complexos e numerosos.

Foi a partir dos *rappings* na casa da família Fox em 1848, nos Estados Unidos, que a quantidade de fenômenos recrudescer significativamente. O espírita estudioso conhece a inédita profusão de variados fatos paranormais registrados desde então, principalmente, nos Estados Unidos e na Europa por homens de ciência e de letras notáveis e honrados.

Não se podia atribuir ao acaso essa quantidade impressionante de fenômenos espontâneos e concordantes, noticiados concomitantemente por tantas pessoas desconhecidas umas das outras em tantos lugares diferentes, donde se concluiu tratar-se de *fato providencial*.

Um dos seus principais pontos de culminância foram os fenômenos de mesas girantes observados à exaustão em Paris. Familiarizado com o Magnetismo durante décadas, o cético pedagogo Hyppolite Léon Denizard Rivail é convidado por amigos a conhecer aquelas mesas que atraíam a atenção de parte da elite parisiense, havendo neles identificado a existência de uma causa inteligente extracorpórea após prudentes observações. Em contato com tais inteligências e levado por diversas circunstâncias, embora a princípio relutante, soube que havia sido escolhido para organizar diversos cadernos com comunicações obtidas através de diversos médiuns em vários outros grupos.

A escolha, que nada possuía de messiânica, mostrou-se acertada. O prof. Rivail era dono de privilegiado saber enciclopédico. Bacharel em Ciências e Letras, falava sete idiomas, era tradutor, possuía aprofundado cabedal em várias áreas de conhecimento, sendo membro diplomado em diversos institutos e sociedades.

Como pedagogo, foi um dos mais destacados alunos de Pestalozzi, seguindo em Paris a difícil carreira de Diretor de Instituição e professor e defendendo a criação de curso superior de Pedagogia. Escreveu e lançou

desde muito jovem, várias obras pedagógicas de sucesso, conseguindo ensinar com grande clareza e simplicidade.

Embora proveniente de família católica e tendo estudado com um protestante (Pestalozzi), o prof. Rivail demonstrava neutralidade e mesmo ceticismo em temas religiosos, de modo que seu laicismo o fez abandonar o magistério, após vários anos, em protesto às duras imposições religiosas da Lei Falloux, de 1850.

Durante quase 22 anos de república e império de Luís Napoleão Bonaparte, a cidade de Paris não veria qualquer guerra ou batalha a conturbar o ambiente que viria florescer o Espiritismo. Ao contrário, Allan Kardec encontraria no próprio casal imperial pessoas interessadas no conhecimento e no desenvolvimento do Espiritismo.

O momento histórico, político, social e intelectual na França vinha ao encontro das condições pessoais de independência que se apresentavam ao Prof. Rivail a favorecer o pleno desenvolvimento de seu labor juntamente com os Espíritos na construção do edifício doutrinário que se avizinhava.

Para atender as exigências do século, aqueles fenômenos inabituais e aqueles novos objetos de estudo precisavam de uma ciência com métodos próprios, que ele cuidou de criar e aplicar com impressionante coerência. Após observar cientificamente o fenômeno durante cerca de um ano, esteve em condições de (re)descobrir o Espírito, ocultado durante séculos pela superstição ainda vigente em temas espirituais.

O Espiritismo experimental identificou no perispírito e em seu meio próprio (o denominado mundo espiritual) uma *realidade material* antes desconhecida, derivada do fluido universal, o que possibilitou a compreensão de diversos fenômenos. Sustentava Kardec que o Espiritismo veio dar a conhecer leis naturais cujo desconhecimento até então fazia as pessoas atribuírem os fatos incomuns ao sobrenatural, tratando-os de milagres.

Àquela ciência nascente agregou-se uma filosofia que abriu insuspeitáveis horizontes a todas as dimensões do Ser Humano, com destaque para outras leis naturais, estas de índole moral, com suas repercussões éticas e sociais.

Além de tratar-se de uma doutrina lógica, o Espiritismo era a única que resolvia racionalmente todas as grandes questões existenciais, com farto

suporte científico-filosófico que permitia às pessoas almejar um futuro melhor, comunicarem-se com os mortos e desvendar gradualmente diversos mistérios do Universo, o que atraiu considerável número adeptos sob a liderança não impositiva do professor Lionês e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Allan Kardec dedicou-se aos estudos espíritas com total isenção de ânimo, sendo muitas vezes necessário admitir conclusões contrárias a suas ideias preconcebidas, como o princípio da reencarnação, o que demonstrava não ser ele o autor ou sacerdote da doutrina.

Depois dele, incontáveis cientistas céticos adentraram laboratórios para estudar (e mesmo negar) tais fenômenos, convencendo-se frequentemente de sua autenticidade, dentre outras conclusões semelhantes às do Espiritismo. Assim como estes, Kardec restringiu-se a observar fatos espirituais naturais (nunca sobrenaturais) e deles tirar diversas conclusões positivas.

Era dedutível que, se as conclusões científicas apontavam claramente para uma realidade natural comprovável e aferível, em nada disso entrava a ideia de Religião como sistema humano místico, pré-racionalista, exclusivista, proselitista e impositivo sobre concepções sobrenaturais, com preponderância de opiniões, dogmas, normas, superstições, abstrações, alegorias, rituais e questões de forma, além de uma moral rígida e heterônoma e defeitos epistemológicos insanáveis decorrentes da imobilidade de seus conceitos, elementos comuns a todos os sistemas religiosos.

Por tudo isso, durante cerca de 15 anos de intensas pesquisas e debates, Allan Kardec firmava as bases doutrinárias sempre afirmando enfaticamente que o Espiritismo não é uma religião.

O Espiritismo apresentou-se, assim, como uma doutrina trazida deliberadamente por iniciativa de uma plêiade de Espíritos superiores através de uma espécie de invasão espiritual organizada, pela qual escolheram claramente um momento histórico racionalista numa sociedade que havia rompido com as vetustas estruturas religiosas de pensamento e, como figura central, um homem de pensamento laico, científico e livre-pensador. Em outras palavras: os Espíritos da Codificação, verdadeira fonte primária do Espiritismo, pretenderam inaugurar entre nós uma doutrina científica e filosófica de consequências morais, mas sem características religiosas.

03. Antagonismo

Ocorre que, embora a Doutrina seja originariamente dos Espíritos (e não dos espíritas), é muito comum que, por questões diversas, cometa-se o equívoco de não se observar o desiderato dos que planejaram seu surgimento entre nós, ignorando-se o trabalho de Kardec e reduzindo-se a Doutrina aos conceitos já cristalizados por desconhecimento de outros mais adequados.

Certo é que a Religião, com sua presença marcante em nosso mundo, praticamente arrogou-se, como proprietária, o direito exclusivo de tratar de temas como Deus, Espírito, espiritualidade, Jesus, fé, oração, vida futura, consequências morais dos atos humanos *etc.*, como se não fossem fatos da Natureza, independentes de apreciação humana, e como se a Ciência e a Filosofia não os pudessem estudar livre e utilmente. O preconceito mostra-se tão arraigado que, até a atualidade, esses temas são instantaneamente atrelados à Religião, pela grande maioria dos religiosos, espíritas e ateus, como se não houvesse alternativas.

Em razão do caráter laico – e não anti-religioso – do Espiritismo, que racionalizava diversos fatos e postulados básicos de todas as religiões, muitos adeptos dessas religiões interessaram-se pelos estudos e conclusões espíritas, passando a frequentar a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o que demonstrava que o Espiritismo reinterpreta muitos dados das religiões, seguindo novos métodos e linguagem, mas não concorria em absoluto com elas.

Todavia, a revelação espírita causou indescritível furor entre muitos religiosos, que a viam como grave ameaça, podendo-se aferi-lo pelas reações de seus representantes que Kardec registrou na Revista Espírita. Se a princípio empreenderam ataques virulentos, que auxiliaram na disseminação do Espiritismo, posteriormente tiveram que apelar à intriga, à calúnia e à conspiração para deter a marcha do Espiritismo. Óbvio, a doutrina da reencarnação, associada à Lei de Causalidade Moral, revolucionava as antigas estruturas de pensamento, permitindo à consciência humana emancipar-se e dispensar intermediários para lidar com os problemas humanos e com o infinito. Seria o fim do monopólio da fé.

Os cientistas ortodoxos também viram no Espiritismo uma ameaça, pois solapava o materialismo exclusivista como principal base dos sistemas vigentes. As academias de Medicina, que antes conseguiram banir o Magnetismo Animal, agora viam no Espiritismo um outro concorrente. Apesar da enorme quantidade de fenômenos paranormais relevantes a exigir a atenção de qualquer homem de ciência sério, os sábios fizeram ouvidos de mercador e, de forma anticientífica, fecharam as portas das academias. O Espiritismo adquirira adversários de peso, unidos pelo propósito do interesse.

E assim, empreenderam ambos uma forte campanha cuja estratégia era desacreditar o Espiritismo para fazê-lo desaparecer. Enquanto os religiosos preferiam caluniar Kardec e atribuir os fenômenos à conta do demônio, os niilistas cuidaram de atribuir ao Espiritismo e ao movimento espírita todos os equívocos do misticismo, classificando-os como pseudocientíficos, loucos e religiosos. Desde então, foram crescentes os esforços no sentido de afirmar o Espiritismo como uma religião, sempre em oposição aos objetivos dos Espíritos da Codificação e às observações de Kardec. Ou seja, admitir que o Espiritismo seja uma religião significa cancelar o rótulo atribuído por adversários da Doutrina.

04. No Brasil

Em nosso País, cuja cultura apresenta profundo traço religioso, a questão agravou-se. À época do Império, em que os primeiros livros espíritas chegam ao Brasil, por volta de 1865, o Catolicismo era a religião oficial e o bravo pioneiro da Doutrina no Brasil, Luís Olímpio Teles de Menezes, mesmo declarando-se católico, foi perseguido. Até Estado e Religião separarem-se juridicamente, os primeiros espíritas brasileiros esperaram mais de 26 anos.

Mais que um País católico, o Espiritismo encontrou uma cultura fortemente mística, com reduzido preparo científico e cultura humanística. A Igreja Católica, por sua vez, não se acostumou a utilizar a autoridade dos argumentos, preferindo os argumentos de autoridade, pelos quais a única solução tendia a ser a submissão intelectual e política. Natural que, ao invés de essa cultura supersticiosa adaptar-se ao Espiritismo, tentou-se adaptar o

Espiritismo a essa cultura. Como se a essência do Espiritismo, situada no mundo espiritual, pudesse ser modificada pela vontade humana.

Sociologicamente, parece que a imposição religiosa funcionou. Pois se o principal método científico estabelecido por Kardec em O Livro dos Médiuns cuidava de advertir insistentemente os espíritas sobre os perigos da mistificação e da necessidade de analisar criticamente os ditados mediúnicos, parece que o afastamento do método e a falta de cultura crítica atingiram a maioria dos pioneiros do Espiritismo no Brasil.

Pouco depois das obras kardecistas, chegam ao Brasil as famigeradas obras de Jean-Baptiste Roustain, com psicografias de conteúdo estranhamente católico que contrariavam diversos postulados codificados. Adotadas por espíritas brasileiros, a Federação Espírita Brasileira (FEB) chega a exigir que seus membros professem o roustenismo, enquanto, contrariamente a Kardec, proclamam escancaradamente que o Espiritismo é “Ciência, Filosofia e Religião”, como se fosse concebível uma ciência religiosa ou uma religião científica enquanto ambas não se encontrarem no terreno puro do conhecimento espiritual racional.

A consequência mais marcante da ausência de cultura científica foi que a maior parte do movimento espírita brasileiro, com o beneplácito da FEB, acolheu quase que irrestritamente uma enxurrada de obras mediúnicas com informações muitas vezes contrárias aos princípios firmados sob a égide do método da generalidade das comunicações. Formou-se, então, uma vertente mediúnica (ou várias delas) dentro do movimento espírita, com opiniões unilaterais de espíritos pretensamente prevalecendo sobre dados e fatos assentados cientificamente. Parecia que o Espiritismo perdera sua unidade.

Consequência desastrosa e lamentável marco desse desvio aparentemente inocente foi que, no ano de 2006, o Tribunal Pleno do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, com apenas um voto de diferença, autorizava a realização do primeiro “casamento religioso espírita” (*sic*), encontrando apenas a resistência do Teatro Espírita Leopoldo Machado, capitaneado por Carlos Bernardo Loureiro, com tímido apoio da federação estadual. Hoje, infelizmente, são frequentes os tais casamentos, que não possuem base jurídica, dentre outras razões porque o casamento religioso exige um sacerdote, ausente no Espiritismo. Assim, conquanto exista casamento entre espíritas, não há

casamento espírita, tendo em vista que a natureza dessa doutrina é incompatível com cerimônias, rituais ou qualquer outro ato de culto exterior, como insistia Kardec.

05. Movimento espírita

Pois de tanto analisar os comportamentos e opiniões de diversos espíritas, sendo forçados a generalizar conclusões e omitir dados relevantes, muitos tentaram deduzir sociologicamente a natureza do Espiritismo como uma religião. Consideramos um erro grave.

Como explica Kardec nos Caracteres da Revelação Espírita (A Gênese), assim como uma Ciência que revela leis da Natureza, o Espiritismo deve ser considerado uma revelação, pois também revela leis naturais. Nela, existe o aspecto divino, que melhor denominaríamos espiritual, por decorrerem dos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos, e o aspecto científico, que é a atividade humana necessária a garantir a confiabilidade dos ensinamentos espirituais. Ou seja, na composição e na conceituação do Espiritismo não entram as atividades habituais realizadas nos centros espíritas, mais conhecidas como *movimento espírita*.

Embora pareça óbvia a distinção, é de grande utilidade didática diferenciar a Doutrina Espírita do movimento espírita. A primeira é a coisa em si. É a mensagem proveniente dos Espíritos e recepcionada por pesquisadores através dos métodos próprios de investigação (ciência, filosofia e ética). O segundo, por seu turno, traduz-se nas atividades realizadas rotineiramente pelos espíritas, em grupos espíritas ou fora deles, inclusive as práticas mediúnicas, a partir de sua compreensão doutrinária. Essa distinção esclarece que o Espiritismo não é necessariamente o que entendem e fazem os espíritas, além de ter a conveniência de destacar aqueles conhecimentos que guardam segurança e pertinência doutrinária, conforme pretendiam os Espíritos que atuaram na feitura da doutrina, como um guia para todo o movimento espírita.

Ora, assim como a História registra que, na prática, houve o desvirtuamento de diversas teorias políticas e sociais, dados os naturais influxos dos mais variados interesses humanos, é possível e necessário conceber o movimento espírita distanciado do Espiritismo, bem como seria

mesmo ingênuo imaginar que essa ousada doutrina, com concepções críticas acerca da moral humana e com potencial reformador das instituições sociais, fosse perfeitamente compreendida e aplicada em todas as realidades sociais, sem que fosse também hostilizada por adversários interessados ou não.

Pois bem, se a Sociologia admite alcançar somente as repercussões sociais imperfeitas de uma doutrina cuja natureza é definida em princípios e fins por manifestações que essa mesma disciplina despreza, mais justo e correto seria que declarasse sua incompetência para analisar sua verdadeira natureza. Do contrário, seria como um biólogo pretendendo definir a extensão do Universo através de um microscópio.

De fato, pouco importa o que pensem e façam os espíritas para a definição da Doutrina dos Espíritos, uma vez que esta é intangível e inatingível em sua essência, por estar assentada, no mundo espiritual, sobre o conhecimento de Espíritos mais esclarecidos que se agitam e esperam que os homens busquem colhê-la de forma metódica, pois embora a Ciência e a Filosofia possuam o sinete humano da imperfeição, ainda são os meios mais confiáveis para a construção de um conhecimento seguro.

Neste panorama, a definição da natureza da Doutrina Espírita deve ser obtida somente após analisadas todos os seus aspectos, sobretudo aqueles que repousam em sua intimidade estrutural, para o que os preconceitos de outros ramos são frequentemente prejudiciais. E assim como a Geologia constrói evidentemente a única definição de Geologia, parece razoável que o Espiritismo seja a disciplina que constrói o melhor conceito de Espiritismo.

É de se notar, porém, que os acadêmicos da atualidade, não admitindo o princípio espiritual, tendem a pensar a Doutrina exclusivamente a partir de uma exteriorização parcial desvirtuada por condicionamentos sociais de determinados grupos, o que equivaleria a afirmar que a Bioquímica pudesse transformar-se em uma religião exclusivamente pela opinião que se pudesse fazer dela ou caso um grupo de pessoas interessadas por ela passassem a adorar os elementos químicos como emanações da divindade, pressuposição esdrúxula que se aplica a qualquer sistema científico, como ao Espiritismo.

06. Epistemologia e Linguística

Afastado um dos principais fatores de equívocos, com destaque para o aspecto espiritual do Espiritismo, é possível adentrar a análise do tema enfocando seu aspecto humano.

Em se tratando de conhecimento, é preciso realizar aqui o mesmo esforço de separar o sujeito cognoscente do objeto cognoscível, a partir do que se encontrará tanto o Espiritismo como a Religião como sistemas de conhecimento (ou de mera crença, no caso da Religião) que muitas vezes se debruçam sobre objetos semelhantes (Deus, Espírito, Jesus, penas e recompensas, vida futura *etc.*).

Observa-se nas discussões sobre este tema, que a técnica dos partidários do “Espiritismo religioso” geralmente é a do reducionismo, quando se tenta igualar qualquer coisa que tenha alguma característica semelhante.

Nesse sentido, uma das dificuldades práticas no debate sobre o tema em exame sempre residiu na polissemia do vocábulo “religião”, pois sua semântica atraiu para si ideias antagônicas entre si, que impedem a uniformização do conceito. Ao mesmo tempo que é considerada uma elaboração humana, com todas as suas características apontadas, também lhe atribuem a característica e a propriedade exclusiva de fatos naturais e sobrenaturais que surgiram antes dela, como Deus e o Espírito.

Percebendo a gravidade do assunto, Kardec bem definiu as religiões como sendo sistemas dogmáticos e impositivos, com cultos, templos, ministros, normas e opiniões que podem sobrepor-se aos fatos naturais. Através de dados comuns a todas as religiões, deduz-se que ele as considerava como *sistemas humanos de interpretação da realidade*, todos obscurecidos por questões exteriores de forma que não se encontram em absoluto na Doutrina Espírita.

De fato, era preciso delimitar o vocábulo, por se tratar de conceito que, assim como a controvertida ideia de arte, perdeu em muito sua identidade devido à exegese por demais ampliativa que se lhe emprestou. Pois ainda que o conceito de “religião” encontre uniformidade nos atributos apontados pelo codificador, persistem termos como “religiosidade” ou “religiosamente” como ideias que exprimem sentimentos cuja essência é de natureza psicológica (natural) e podem estar vinculados ou não ao vocábulo que os originou, sem

contar as metáforas que associam a expressão ao fanatismo em qualquer sistema político ou social.

Assim, fica claro que a Religião é um sistema puramente humano para apreensão e busca do conhecimento do que é natural ou do que considera sobrenatural, não se podendo confundi-la com os objetos de suas preocupações.

Por outro lado, do fato de dois sistemas terem alguns temas semelhantes, não se segue que tenham a mesma natureza. A Química e a Física tratam da Lei de Atração Gravitacional, mas são disciplinas bem distintas e definidas. As transgressões humanas são estudadas, ao mesmo tempo, pela Filosofia, pela Sociologia, pela Ética, pela Pedagogia, pelo Direito *etc*, sem que essas disciplinas se confundam.

Já a Alquimia possuía objeto de estudo semelhante ao da Química (vide Paracelso), com linguagem e métodos bem diversos. O mesmo diga-se da Astrologia, que também evoluiu de um sistema ocultista para um sistema científico (Astronomia), ainda que com o mesmo objeto de conhecimento (os astros). Também à Filosofia é dado investigar a existência e os atributos de Deus sem que passe a ser uma religião e sem que o filósofo torne-se religioso. Parapsicólogos e outros cientistas não passaram a ser religiosos após afirmar a existência de consciências extracorpóreas que se manifestam em fenômenos paranormais.

Pois o Espiritismo pode perfeitamente abordar científica e filosoficamente algo que é tratado pela Religião como intocável artigo de fé ou, ainda, os fenômenos do Ocultismo e da Magia, sem qualquer prejuízo aos seus princípios. Pois o que determina a natureza científica de um ramo do conhecimento não é o objeto de suas preocupações, mas a forma como ele se estrutura. Daí porque denominá-lo religioso é o mesmo que afirmar que a Química e a Astronomia são disciplinas místicas e pré-científicas.

Em verdade, o desenvolvimento do conhecimento produz a especialização da linguagem, no sentido de criar novas expressões (neologismos) para as ideias relevantes que surgem. Era o caso do Espiritismo, pois, ao iniciar “O Livro dos Espíritos”, afirmou Kardec que “Para as coisas novas necessitamos de palavras novas”, num constante esforço de delimitação

de conceitos para o alcance de precisão terminológica imprescindível ao desenvolvimento doutrinário.

A revolução espírita não era apenas superficial. Se assim fosse, poderia ser considerada uma religião. Na verdade, tratava-se de toda uma nova maneira de conhecer e interpretar o Espírito, que logo passou a ser o incomum objeto de estudo dessa surpreendente e atípica ciência.

Por isso, nas milhares de páginas que produziu até sua desencarnação, Kardec insistia em registrar que o Espiritismo não era uma religião, pois não repousava sobre abstrações metafísicas, mas sobre leis naturais, como o fazem as ciências. Ou seja, não se tratava de uma nova religião, mas um novo ramo do conhecimento. Seguiu ele o ensino de Jesus de Nazaré, segundo o qual não se deve pôr vinho novo em odres velhos nem remendo de pano novo em vestido velho.

A propósito desse debate, constatou o recente movimento filosófico da reviravolta linguística que a realidade é constituída pela própria linguagem. Ocorre que, estudando as estruturas linguísticas, notamos sistemas bastante diferenciados. Enquanto a Religião possui linguagem prescritiva, dogmática, impositiva e exclusivista, de um verdadeiro sistema jurídico, associada às funções conotativa e emotiva na sua pregação, o Espiritismo possui linguagem investigativa e informativa, expositiva, não-dogmática, não-exclusivista e não-proselitista, associada à função denotativa, sempre inerentes à Ciência e à Filosofia. Igualam-se apenas na função pedagógica, presente em tantos outros sistemas, haja vista a evidente necessidade de transmissão das ideias.

Ou seja, mesmo que Kardec houvesse utilizado mil vezes o termo "religião", sua forma de raciocinar estaria em desacordo com essa expressão. Neste passo, até mesmo algumas palavras eventualmente mal empregadas por ele podem e devem ser reinterpretadas para se harmonizarem com a dinâmica essencial não religiosa do todo, o que o Espiritismo, sem a pretensa infalibilidade das normas confessionais, nos conduz a fazer.

Por outro lado, é de se notar que, havendo as principais religiões historicamente confundido as ideias do ilícito comum e do ilícito moral (os quais incorporou a seu código de proibições – ex. pecado), terminaram constituindo sistemas político-jurídicos, com grande relevância para suas normas, como se verifica, por exemplo, no Catolicismo, com seu Código Canônico e seus

sacrilégios, blasfêmias, inquisições, perdões divinos e excomunhões, além de normas de organização e hierarquia, como confissões de fé, ordenações, iniciações *etc.*. Ou seja, o religioso é legislador e executor, inobstante se apresente como mero exegeta. Por isso, tais sistemas possibilitaram inegável controle social, sendo certo que, ainda hoje, os sistemas de moral heterônoma previstos em todos os códigos e livros ditos sagrados das religiões mantêm semelhantes características coercitivas.

Por seu turno, a Ética, no Espiritismo, não surge como um código de conduta para ditar e padronizar o comportamento de seus adeptos, mas como o estudo da moral que desemboca na liberdade, na autonomia individual e nos deveres conscienciais. O espírita é livre para conhecer os fatos que lhe são trazidos, interpretando-os ao seu alvedrio e apenas modificando comportamentos se bem o entender (e conseguir), como processo natural da vida de relação, sem que o expositor ou dirigente espírita necessite dar ordens aos adeptos, não tendo tampouco qualquer autoridade doutrinária ou hierárquica para tanto.

Kardec jamais dirigiu o ensino da doutrina aos que estavam satisfeitos com sua fé, aos indiferentes ou aos detratores. Não se posicionou como sacerdote ou chefe de uma religião, nem deu ordens a espíritas ou a não espíritas. Por isso, se alguém localiza na linguagem de algum Espírito ou momentaneamente na do próprio Kardec exortações ou conclamações, certamente que ali se encontra manifestações individuais concernentes ao *movimento espírita*, que são lícitas a quem pretende fazer a divulgação ou a defesa da Doutrina. Não será, contudo, parte da “revelação espírita” propriamente dita, nem no seu aspecto espiritual, nem no seu aspecto humano.

Dito isso, constata-se que a linguagem que define a natureza do Espiritismo revela um sistema original que não guarda relação com os traços essenciais da Religião, sendo necessário admiti-la no quadro das disciplinas como uma nova ciência e uma nova filosofia de consequências morais; jamais uma religião.

07. Conteúdo espiritual

Outra diferença fundamental entre o Espiritismo e a Religião é que esta última é uma *criação humana*, com sua teologia permitindo a criação de dogmas, abstrações e preceitos independentes de qualquer base natural (ex.: Espírito que fecunda uma virgem). No caso de haver lastro fenomênico, o entendimento do intérprete pode até mesmo prevalecer sobre o que for constatado (ex.: fenômenos naturais interpretados como milagres, que seriam fatos “sem explicação”), o que é muito frequente e tende a distanciar o sistema religioso da realidade.

A revelação espírita, por seu turno, é de iniciativa e *conteúdo predominantemente espiritual* ao qual o labor humano é subordinado, já que o intérprete espírita assume a tarefa de colher e sistematizar os ensinamentos transmitidos pelos Espíritos reveladores, além de observar e experimentar outros fenômenos espirituais, de modo a obter um conjunto o mais seguro e coerente possível daqueles dados, além de buscar a definição das leis que regem os fenômenos, ensinando somente aquilo que deduz, o que neutraliza a influência dos interesses humanos sobre as ideias e desautoriza o intérprete espírita a criar ou inventar fatos, preceitos ou normas.

Em razão dessa ampla liberdade criativa da Teologia e por vezes de sua necessidade de controle social, percebe-se, como elemento essencial existente em todas as religiões e absolutamente inexistente no Espiritismo, os elementos formais e materiais de culto exterior. A Religião *sempre* apresenta símbolos, imagens, liturgia, indumentárias, paramentos, normas, hierarquia, organização política *etc.*

Pois é essa questão humana de forma que produz uma cortina de fumaça que obscurece e muitas vezes pretende até modificar (em vão) o conteúdo das leis naturais, razão de Kardec haver-se demorado sobre essa questão, ecoando a principal crítica que Jesus fazia sobre os sacerdotes de seu tempo, a quem chamou “sepulcros caiados” em vista da disparidade entre conteúdo e forma, entre discurso e ação.

A revelação teológica, neste passo, depende de supostos profetas, salvadores e outros intermediários, sendo que, com seus dogmas, deve ser imposto e aceito passivamente por seus seguidores, sem exame ou discussão do que é revelado. Por isso, prestou-se à dominação moral e política.

O Espiritismo, por sua vez, não conhece homens especiais e insubstituíveis que possam, por sua própria iniciativa, promover o que os religiosos denominam “salvação”, ideia para ele inexistente. Pelo contrário, constata a existência de um processo moral lento, gradual, autônomo e de natureza psicológica, realizado na sociedade através do esforço e do mérito individual em diversas vidas, do que se deduz a necessidade de adquirir senso crítico para o seu desenvolvimento no mundo de relação.

Sua Ética aponta para uma moral dinâmica e autônoma ao sustentar a consciência espiritual como juiz infalível a possibilitar as repercussões correspondentes aos atos da vida moral do indivíduo, contrariamente à moral heterônoma da religião, imposta de fora para dentro do indivíduo, e que depende de fé cega para sua aceitação e cumprimento, redundando em muitos erros morais e sofrimento na atualidade.

Por outro lado, o labor científico do investigador espírita é um exemplo da necessidade de o Homem participar de forma colaborativa (e não subordinada) com as entidades espirituais na construção do edifício doutrinário, de sorte que a Dialética Espírita se apresenta como a mais grandiosa conciliação entre vivos e mortos, num dos marcos do progresso intelecto-moral da Humanidade.

Defrontados com fatos irrecusáveis, já era possível aos homens independentes aplicar o método experimental àquele novo objeto de estudo (os fenômenos espirituais e o Espírito), com o novel Espiritismo comportando-se como verdadeira ciência em todas as etapas da investigação, com todas as conveniências e dificuldades de seus meios investigativos. A especulação filosófica o acompanha durante esse processo, sobretudo ao se ocupar do que é de difícil ou impossível experimentação, refletindo prudentemente sobre fatos, não pretendendo possuir a verdade absoluta, por sabê-la incognoscível diante de nossas limitações perceptivas.

Ocorre que, visando a encontrar o conteúdo puro, livre de abstrações metafísicas e preconceitos religiosos, o raciocínio os conduziu à certeza da sobrevivência de inteligências extracorpóreas que não são mais que as almas dos homens e que se agitam e reagem sobre o mundo corpóreo, podendo comunicar-se através de manifestações físicas e inteligentes, além de

influenciar os ditos “vivos” através do pensamento e revelar a reencarnação e as consequências morais dos nossos atos.

Portanto, não se tratava de algo sobrenatural, como sustentam as religiões, mas apenas leis e fatos antes ocultos, como ocorre em qualquer conclusão científica. As pesquisas revelavam uma realidade espiritual mais material do que se pensava, dando a conhecer o perispírito como corpo fluídico que permitia o enlace com o corpo encarnado ou até com a transfusão de ectoplasma nos impressionantes fenômenos de materialização. Até mesmo a exteriorização dos pensamentos e o dito mundo espiritual mostravam-se como fluídicos. Diante disso, a metafísica era mitigada e restrita ao Ser, ao princípio inteligente do qual provém, e a Deus.

E quando Kardec ensinava que o Espiritismo, como disciplina científica e dinâmica, deveria aceitar e incorporar conclusões da Ciência oficial, ainda que contrárias às próprias conclusões espíritas, restava definitivamente comprovado que não possuía qualquer dogma, diferentemente do que ocorre na Religião. De fato, uma religião não pode ser científica, como pretende a FEB, pois as religiões são dogmáticas e não cedem diante da evidência científica.

O Espiritismo, portanto, é uma Ciência e uma Filosofia que se propõe a investigar muitos dos temas e fenômenos tratados pela Religião (e outros sem qualquer relação com ela) sob atitude e linguagem científica e filosófica, através dos quais produz consequências morais. Em vista dessa proposta atualizada à Pós-Modernidade, ele confere certeza (fideísmo crítico) sobre diversos fatos naturais relacionados ao Espírito, gerando considerável conforto psíquico, ao tempo que avança em especulações filosóficas sobre outros temas, criando dúvidas que tornam incessante o progresso.

Apesar disso, os antagonistas insistem no argumento reducionista segundo o qual o Espiritismo seria “uma religião sem praticamente todos os traços essenciais destas”, praticamente criando uma “nova categoria” de religião sem praticamente todos os elementos essenciais desta, numa aproximação claramente forçada e indevida que mais remete ao mito de Procusto, a cortar as pernas e a cabeça dos convidados (e dos conceitos) que eram mais altos que a cama na qual deveriam permanecer...

Diante de tantas diferenças, a solução mais adequada do ponto de vista do conhecimento é renunciar ao reducionismo e aplicar a *Teoria das Classes*, que recomenda o agrupamento de objetos com propriedades semelhantes em conjuntos que permitam sua classificação. No caso, diante de um número tão expressivo de diferenças estruturais entre o Espiritismo e a Religião, não convém rotulá-las da mesma forma, sendo muito mais adequado admitir que o Espiritismo é um novo sistema de conhecimento não-religioso acerca dos temas espirituais. A revelação era uma verdadeira revolução.

08. Pragmatismo

Além de a análise interdisciplinar demonstrar por todos os ângulos que o Espiritismo é uma nova disciplina científica e filosófica não religiosa, independente das manifestações do movimento espírita, ainda outra razão tem o espírita para defendê-lo como tal: o futuro do Espiritismo em nosso plano.

Quando a Igreja Católica iniciou a campanha contrária ao Espiritismo, foi um religioso o primeiro a afirmar publicamente que essa doutrina era uma nova religião, ideia posteriormente seguida por adversários materialistas e, hodiernamente, até por espíritas que terminam seguindo a tese de seus adversários para militar contra sua própria doutrina. A propósito, vaticinaria Kardec na Revista Espírita de 1862: “De tanto gritarem que é uma religião, as pessoas acabarão por crer”.

O êxito dessa estratégia parece ser devido ao enfraquecimento da compreensão da Doutrina Espírita naquilo que ela possui de mais forte, que é a certeza dos seus postulados conferida pelas conclusões científicas e pelos raciocínios lógicos de sua filosofia, enquanto que as concepções supersticiosas e pré-científicas, sempre associadas à religião, são formas opostas de raciocínio que têm o potencial de neutralizá-las.

Normalmente, os partidários da “religião espírita” não percebem o recuo e o descrédito das ideias dogmáticas e irracionais no mundo culto em detrimento do inelutável avanço da marcha do conhecimento científico, crendo que a razão poderá ceder terreno às formas supersticiosas.

Diante desse quadro, dizia o Prof. Charles Richet no *Journal of the American SPR*: “Sou de opinião que, se a Metapsíquica não tem progredido

mais, se deve isto a um defeito de método; quiseram dela fazer uma religião cheia de ardor, em vez de uma ciência serena e modesta”. E William Mackenzie complementaria: “Se os espíritas querem conferir aos fenômenos metapsíquicos foros de religião, deles não poderão esperar mais do que se consegue daquela, isto é, pouco para o sentimento e nada para a Ciência.”.

Preocupado, levantou-se o eminente pesquisador Ernesto Bozzano, a quem pedimos vênua para passar a palavra: *“Se for verdade que o Espiritismo seja tomado num sentido religioso por uma multidão, aliás muito respeitável, de almas simples, não quer dizer isso que ele seja religioso, mas tão-somente que as conclusões rigorosamente experimentais e, portanto, científicas, a que conduzem as investigações medianímicas, têm a virtude de reconfortar grande número de almas atormentadas pela dúvida”.*

E prossegue o notável metapsiquista italiano: *“Mas os opositores não se deviam esquecer que, culminando sobre essa multidão, em que prevalece o sentimento, existe numerosa coorte de experimentadores exercitados nos métodos científicos, também homens de ciência, em que prevalece a fria razão, e que estes examinaram os fatos com o fim exclusivo de pela Verdade procurar a Verdade. Acabou-se por aderir à hipótese espírita. Não quer isso dizer que ai tenham-se tornado místicos, senão que se convenceram experimentalmente que essa hipótese era a única capaz de explicar o conjunto da fenomenologia examinada. E nada mais científico. Nem Myers, nem Hodgson, nem Hyslop, nem Barrett, nem a Senhora Verrall, nem Lodge, nem Zollner, nem Du Prel, nem Aksakof, nem Boutleroff, nem Flammarion, nem Lombroso, nem Brofferio, nem o abaixo assinado tinham tendências místicas; ao contrário, quase todos eram dominados por convicções positivo-materialistas. Foi a eloquência irresistível dos fatos e, sobretudo, a constatação imponente da convergência admirável de todas as provas – anímicas e espíritas – para a demonstração da existência e sobrevivência da alma, que o levaram a concluir definitivamente em favor da hipótese espírita”.*

E arremata: *“As conclusões a que chegaram são, pois, rigorosamente científicas (...). Pela centésima vez repito, pois, que a hipótese espírita é uma hipótese científica e que aqueles que a contestam dão apenas mostra de não haver ainda formado uma ideia clara sobre o problema que pretendem discutir”.*

Fato é que as religiões encontram-se deslocadas no século atual e não mais atendem aos anseios do mundo culto por respostas racionais, produzindo mais incredulidade do que fé produtiva, de sorte que também não é prudente amarrar aos pés da Doutrina Espírita essa bola de ferro dos preconceitos hoje atrelados ao misticismo, pois um dia ela será lançada às profundezas do esquecimento, como tudo que não se adapta às necessidades dos novos tempos. É preciso, pois, reconhecer o caráter dinâmico do Espiritismo para fazê-lo caminhar na vanguarda do conhecimento, livre das amarras supersticiosas e de seus rótulos linguísticos.

Por outro lado, diferente das religiões, que demonstraram ser sistemas normativos tantas vezes voltados ao controle social, o Espiritismo é uma proposta revolucionária através de seus postulados ousados e libertários

Ora, havendo o Homem superado tantos erros de tempos remotos e havendo encontrado agora na Ciência e na Filosofia os métodos mais seguros para avançar na compreensão da Natureza, e sendo sabido por tantos sábios que esses métodos podem estudar com profundidade o que antes era monopolizado pelas religiões, com notórios desvirtuamentos, seria útil ouvir o conselho de Jesus segundo quem *“toda a planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada pela raiz”*.

E a planta que ele menciona, nesse caso, não é necessariamente o Espiritismo, que não pretende ser verdade absoluta, mas quaisquer formas racionais sérias e eficazes para a compreensão da realidade, e que, ao invés de produzir a incredulidade, encontrarão no Espírito e em sua consciência os gérmenes impulsionadores da paz e do progresso social.

.Assim, desejando-se a perpetuação e o desenvolvimento do Espiritismo, cumpre aos espíritas assumir a responsabilidade de cultivar a planta do racionalismo, afastando-o da descaracterização pelas formas místicas de crença, já condenadas ao desaparecimento.

09. Desmisticizar

O Espiritismo, que se ocupou inicialmente da verificação da autenticidade de fenômenos de efeitos físicos, identificou que os mesmos eram provocados por inteligências com as quais era possível comunicar-se por

métodos cada vez mais aperfeiçoados. A partir daí, como em todo novo saber investigativo, desenvolveu-se linguagem e métodos próprios que permitiram obter informações mais seguras e claras sobre questões diversas relacionadas ao Espírito e temas correlatos.

Nesse percurso, defrontou-se com ideias impregnadas de elementos místicos, vocábulo que se pode conceituar como sendo “referentes aos mistérios, às cerimônias religiosas secretas” e às “crenças em coisas sobrenaturais, sem base racional” (Houaiss).

Como se sabe, as interpretações místicas podem revelar ou ocultar grandes verdades, todavia, não atendem às demandas de tempos racionalistas.

Seguindo esse ente de razão e apesar dos fortíssimos condicionamentos culturais, ao Espiritismo foi possível desmisticizar e desmitificar diversos assuntos que antes eram tratados exclusivamente pela Religião ou, por vezes, pelo Ocultismo, para afastá-los e substituí-los por outros mais adequados às exigências dos tempos atuais, encontrando, enfim, a realidade espiritual na Natureza.

Dito isso, a desmisticização na prática é útil na tarefa de demonstrar, ainda que superficialmente, que o Espiritismo substitui os conceitos místicos (ou a parte mística dos conceitos) por outros mais atuais e consentâneos com as exigências pós-modernas. Para tanto, pinçamos alguns conceitos comparados.

Sendo Deus o único ente considerado sobrenatural (acima da natureza), a Filosofia Espírita, como o fizeram grandes filósofos, não O considera um ser antropomórfico, com sentimentos humanos, mas se limita a fazer cogitações filosóficas sobre sua natureza (inteligência suprema, causa primária) e atributos (infinito, onipotente *etc.*), ao tempo que, como a Ciência oficial, se ocupa do estudo de suas leis, que são naturais.

O próprio culto a Deus, tido por muitos como elemento essencial das religiões, pode perfeitamente converter-se num processo puramente intelectual e arreligioso de respeito e admiração, pois, sendo este uma inteligência suprema, somente outra inteligência poderia compreendê-lo, ainda que gradualmente. Daí advém que a Ciência, ao dar a conhecer indiretamente o

Criador, através de suas leis naturais, ela mesma possibilita um culto arreligioso a Deus.

Outra ideia a se desmistificar é a própria raiz etimológica do vocábulo “religião”, que, no seu sentido mais corrente, representaria a ideia da religação do homem (ou o Ser) a Deus. Ocorre que não há indícios de que o homem em algum momento tenha-se “desligado” de Deus (diz-se mesmo que o Espírito é uma “centelha divina”), não sendo crível que o tal “desligamento” tenha ocorrido através do mito do “pecado original”, que era apenas o exercício da libido criada pelo próprio Deus. A prevalecendo o que ensinou Jesus, os próprios Espíritos são espécie de deuses ou desdobramentos dEle, podendo-se deduzir daí uma relação imediata entre Criador e Criatura, não sendo necessária, portanto, qualquer “religação”.

Dessas conclusões muitas vezes axiomáticas depreendem-se consequências lógicas para a compreensão de diversos temas espíritas.

O Espírito não é um ser vago e indefinido. Conquanto imaterial, pode apresentar-se visível em determinadas condições em razão do seu perispírito, que possui natureza fluídica e, portanto, material. Se muitas vezes reveste-se de formas incomuns, tal fato ocorre em razão da sua plasticidade determinada por seu pensamento voluntário ou por seus condicionamentos e idiosincrasias.

Não existem o Paraíso, o Inferno ou outros lugares do pós-morte (como colônias espirituais e umbral) da forma como propalado pelo pensamento místico. Os Espíritos produzem suas circunstâncias aparentes de acordo com seus condicionamentos, seu estado consciencial e as consequências dos atos que praticaram, podendo ter recompensas e sofrimentos, que não são materiais e nem eternos.

A fé, por sua vez, não é a que, baseada num inquestionável dogma, desmorona diante da evidência. Ela se revela para o espírita como o conhecimento e a certeza de seus destinos e das potencialidades que possui intimamente e que devem ser desenvolvidas pela ação de sua vontade, que ganham em intensidade com o auxílio dos Espíritos e com o aprendizado que transformam em fé raciocinada. Diante da confiança em suas próprias forças morais e na possibilidade de auxílio dos Espíritos, o Homem impulsiona seu desenvolvimento e daqueles que o cercam.

O passe, visto como um ritual por pessoas desconhecedoras do tema, apresenta-se como um procedimento magnético de tratamento espiritual através do qual transitam energias sutis (o denominado ectoplasma) a concorrer para o reequilíbrio da economia energética do assistido ou, ainda, para potencializar a eficácia de técnicas desobsessionais. Não há liturgias, cerimônias, sacramentos ou rituais no Espiritismo e aquele que não pratique ou submeta-se aos passes não deixará, por isso, de ser espírita.

A prece, diversamente do que pregam as religiões, independe de posições corporais, fórmulas preestabelecidas, repetições e palavras especiais em templos sagrados. A qualidade da prece é definida pela sua inteligibilidade, por seus bons propósitos, pela iniciativa e pela proatividade de quem pede e pela confiança naquilo que se pede. Através da prece, entra-se em contato com Espíritos que podem atuar em benefício de alguém ou em agradecimento, donde se conclui que a prece é um ato de comunicação espiritual.

Fala-se muito em prece como um contato direto com Deus, mas essa assertiva, feita baseada em dados pouco aferíveis, é questionável por ausência de provas. Conhecidos são muitos benefícios da prece, mas pouco ou nada se sabe da participação direta de Deus em seus mecanismos para afirmar presunçosamente que se “conversa” com o grande Criador. Não seria a prece, além da comunicação com outros Espíritos, um estado de concentração do pensamento em aspectos desconhecidos do próprio Espírito? Eis um terreno de difícil penetração da Ciência.

Um dos principais exemplos da desmisticização (e desmitificação) é o conhecimento sobre o Jesus Histórico. Enquanto a teologia constrói à vontade a figura mítica de Jesus como o próprio Deus (!) que teria fundado uma religião e cuja execução infamante levaria à salvação da Humanidade, o Espiritismo redescobre-o através dos dados históricos e filosóficos como um homem sagaz e enérgico que apresenta uma doutrina moral profundamente libertária, ratificada por pródiga fenomenologia paranormal. Por outro lado, sendo crítico da natureza humana, afronta os sacerdotes de seu tempo, exatamente pelo equívoco de emprestar maior importância à forma dos sacramentos que ao conteúdo dos bons pensamentos e atos humanos.

E por seus ensinamentos ainda não se encontrarem acessíveis a todos, Jesus projetou o surgimento de um consolador (paracleto), que viria

restabelecer e explicar todas as coisas. Hoje, temos a certeza de que a melhor forma de esclarecer algo é através do raciocínio lógico expressado pela linguagem clara e objetiva de nosso tempo, sem quaisquer cortinas de fumaça da superstição religiosa. Assim o faz o Espiritismo com o pensamento de Jesus, sendo por isso conhecido como Consolador anunciado. Como um sistema de pesquisa em formação, ainda não pretende ter todas as respostas. Todavia, pelas que fornece é capaz de permitir que o Espírito esclareça-se e avance sem tantos percalços.

Jesus e o Espiritismo ensinam o Homem a desprezar os prejudiciais ardeios quase sempre presentes nos temas espirituais, cognitivos e morais, de modo a buscar e encontrar gradualmente a verdade não-exclusiva que liberta as consciências e as sociedades, donde se pode concluir que *para ser espírita é preciso aprender a desmisticizar*.

10. Conclusão

A análise interdisciplinar do tema conduz à necessidade de distinguir os sistemas de crença e conhecimento dos objetos de suas preocupações para concluir que diferentes sistemas podem debruçar-se sobre os mesmos objetos com linguagens e métodos próprios. Diante disso, é possível afastar o preconceito segundo o qual à Religião cabe o direito exclusivo de abordar a ideia de Deus e os temas espirituais.

O Espiritismo, concebido por Espíritos em meio a incontáveis circunstâncias favoráveis à sua disseminação numa época em que a sociedade ocidental libertava-se de condicionamentos dogmáticos, teve como figura central um sábio laico e cético (Allan Kardec), cuja escolha indicava que tais Espíritos idealizadores pretendiam trazer a lume uma doutrina arreligiosa.

Ocorreu que a doutrina sofreu com as campanhas difamatórias dos seus adversários e com a incompreensão dos próprios espíritas, agravada pela ausência de cultura científica e pelo temperamento místico da maioria de seus adeptos, que contariam maior número no Brasil.

Do fato de existir um movimento espírita predominantemente místico, a Sociologia, sem quaisquer instrumentos adequados, concluiu equivocadamente que o Espiritismo seria uma religião, quando somente ao

próprio Espiritismo era dado definir sua natureza, de acordo com sua linguagem e objeto abordado, como acontece com os demais ramos do conhecimento.

Todavia, também não se confunde o movimento espírita com o Espiritismo, cuja análise linguística de seu conteúdo e a Teoria das Classes apontam claramente para um ramo do conhecimento bem distinto da Religião, não se podendo reduzi-lo, ao sabor de ideias fantasiosas, a quaisquer rótulos de sistemas preconcebidos, mas devendo ser considerado como uma ciência e uma filosofia de consequências morais, razão de Allan Kardec haver concebido para ele um neologismo.

E se um dos principais instrumentos do Espiritismo, a possibilitar a nova compreensão acerca da realidade e a produzir consequências morais e sociais benfazejas, é justamente a releitura de conceitos, para substituir ideias místicas por outras mais avançadas, é evidente que a confusão com a supersticiosa religião ocasiona a descaracterização da doutrina e a neutralização de um dos seus principais meios de ação, representando enorme retrocesso doutrinário.

De fato, o Espiritismo é uma ciência e uma filosofia crítica e não será bem compreendido nem subsistirá como doutrina libertária, muito menos em nosso País, enquanto sua cultura não permitir a reavaliação racional de ideias, conceitos e valores, e tampouco enquanto não forem superados os enganos propositais ou não, que confundem as pessoas de boa-fé.

Possa, portanto, esta consoladora doutrina encontrar sempre pessoas sérias e dedicadas que, compreendendo sua verdadeira natureza, dela possam extrair, ensinar e praticar o verdadeiro bem.